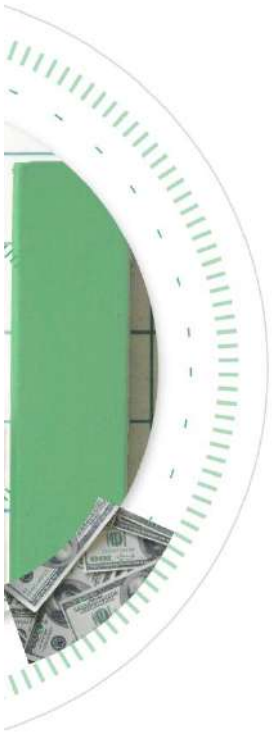
Comportamento Semanal de Mercado

19 a 26 de janeiro



De olho nas comunicações

O principal destaque da semana é o encontro do Copom, no qual é esperado um novo corte de -0,50 pp na taxa Selic, para 11,25% a.a. Apesar de algumas inquietações acerca da sinalização de reduções de igual magnitude nas próximas reuniões, é provável que as mesmas sejam mantidas. Outro aspecto relevante refere-se às projeções de inflação do cenário de referência do Banco Central (BC), especialmente para 2025, que cada vez mais vai ganhar espaço no horizonte relevante da política monetária.

Mesmo com a surpresa positiva no índice cheio do IPCA-15, houve alguma deterioração nas medidas qualitativas, o que despertou algumas preocupações. A taxa anualizada da Média Móvel Trimestral (MM3) da série dessazonalizada saiu de 2,4% a.a. em dez/23 para 2,7% a.a. e a dos serviços subjacentes passou de 4,2% a.a. para 4,9% a.a..

Além do ainda confortável processo de desinflação, a economia está em clara desaceleração, ratificada pela expressiva redução nos investimentos, assinalada nos números do Monitor do PIB. O Nível de Utilização da Capacidade Instalada (NUCI) apresentado pela FGV caiu em janeiro, tanto para a indústria, quanto para o setor de construção, com quedas nas margens de -2,9 p.p. para 79,2% e de -1,7 p.p. para 77,1%, respectivamente. Já a pesquisa da CNC indicou que em dezembro, o percentual de famílias que se consideravam endividadas voltou a subir, alcançando 77,6%. Já as que se consideravam com contas em atraso e sem condições de pagamento recuaram na margem para 28,8% e 12,2%, respectivamente. Na agenda desta semana, alerta para os dados de dezembro da indústria e do mercado de trabalho. A produção industrial deverá manter o cenário de estagnação, diante o desempenho negativo da indústria de transformação. Já os números do mercado de trabalho (Caged e Pnad/IBGE) deverão mostrar um quadro favorável em 2023, mesmo com alguma acomodação.

No cenário internacional, a 1ª leitura do PIB no 4T23 dos EUA mostrou uma redução do crescimento de 4,9% a.a. do 3T23 para 3,3% a.a.. Contudo, em geral, os indicadores de atividade afastaram os temores de uma recessão e reforçaram a visão de um "pouso suave" para a economia. Ademais, a inflação medida pelo *Personal Consumption Expendutires* (PCE) recuou para 2,6% a.a. e para 2,9% a.a. na medida de núcleo, mostrando um processo gradual de convergência à meta de 2,0%, porém ainda sustentando as apostas de início de flexibilização monetária ainda no 1º semestre de 2024.

Para a semana, destaque para a reunião do *Federal Reserve* (Fed) na quarta-feira (31/01), na qual deverá ser mantida a taxa básica entre 5,25% e 5,50% a.a.. A maior expectativa está concentrada, também, nos termos da comunicação após o encontro, que possivelmente possam calibrar as apostas de queda nas taxas de juros ainda no 2º trimestre de 2024. Após uma euforia inicial, na sexta-feira (26/01), a ferramenta *Fedwatch* do CME Group apontava apenas 46,2% de chance de um corte de -0,25 p.p. na reunião de março. Adicionalmente, os dados do *Payroll* poderão contribuir para uma avaliação dos próximos passos.

Expectativas

Em virtude da mobilização dos seus servidores, o BC excepcionalmente divulgará o Boletim Focus apenas na terça-feira (30/01).

Segundo a FGV, após o recuo de -0,5 p.p. em dez/23, a mediana da inflação esperada pelos consumidores em janeiro para os próximos 12 meses reduziu-se em -0,1 p.p. para 6,9%. Na comparação interanual, o indicador acumulou uma retração de -1,7 p.p., configurando-se como o 15° mês consecutivo em queda.

Na semana, a inflação implícita nos preços das negociações de títulos públicos, apurada pela Anbima, registrou quedas de -0,09 p.p. para 3,89% na de 1 ano, de -0,10 p.p. para 4,13% na de 2 anos e de -0,07 p.p. para 4,33% na de 3 anos.

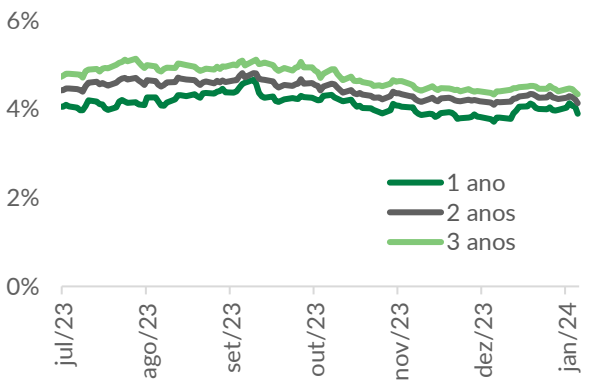
No relatório Prisma Fiscal de janeiro, divulgado em 15/01, as medianas das projeções para o resultado primário apresentaram reduções, em relação às de dez/23. O número para janeiro recuou em -0,9% para um superávit de R$ 69,76 bilhões, o de fevereiro em -6,5% para um déficit de R$ -28,99 bilhões e o de março em -1,9% para um déficit de R$ -7,23 bilhões.

Em relação a dez/23, a mediana das previsões para o resultado primário em 2024 diminuiu em -4,3%, para um déficit de R$ -86,14 bilhões. Já a mediana para 2025 subiu 5,9% para um déficit primário de R$ -82,76 bilhões.

Ainda no Prisma Fiscal, para 2024, a mediana das projeções para o déficit nominal aumentou 1,7% para R$ -636,04 bilhões, em linha com a alta de 0,3% na mediana das despesas totais esperadas para R$ 2.174,22 bilhões e com a redução das projeções para a arrecadação federal de -0,1% para R$ 2.532,90 bilhões.

Inflação 12 Meses
Mediana das expectativas dos consumidores

Inflação Implícita
Títulos públicos – NTN-B (% a.a.)



Prisma Fiscal

Resultado Primário
Mediana - em R$ bilhões

	jan-24	mês anterior
jan/24	69,76	70,37
fev/24	-28,99	-31,00
mar/24	-7,23	-7,37
2024	-86,14	-90,00
2025	-82,76	-78,15

Fonte: FGV | Anbima | Prisma Fiscal. Elaboração ABBC

Economia Internacional

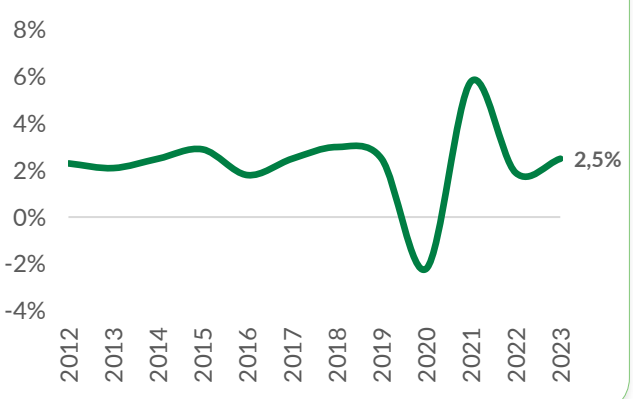
Ao longo da semana, os anúncios do PIB nos EUA e do PCE e de estímulos econômicos na China influenciaram a precificação dos ativos financeiros internacionais. Conjugada com os outros indicadores da atividade, a 1ª leitura do PIB no 4T23 praticamente eliminou os temores quanto à possibilidade de uma recessão, ratificando o cenário de convergência da inflação à meta de 2,0%, acompanhado por um "pouso suave" da economia. Na variação trimestral anualizada, o PIB no 4T23 apresentou uma alta de 3,3% a.a.. Apesar de apresentar uma variação maior do que a esperada, o indicador desacelerou-se em relação aos 4,9% verificados em relação ao 3T23. Entretanto no acumulado do ano, a variação anual passou de 1,9% em 2022 para 2,5%. A manutenção dos salários em níveis elevados impulsionou o ímpeto do consumidor no curto prazo, resultando em um aumento de 2,8% no consumo durante o 4T23, sendo uma das principais contribuições para o resultado.

Na semana, também, foram divulgados os números dos gastos pessoais de dezembro, que surpreenderam, com uma alta real de 0,5% na margem, reforçando o impacto do consumo das famílias. Além disso, os investimentos não residenciais e exportações também desempenharam um papel significativo. A manutenção dos salários em níveis elevados viabilizou uma alta anualizada de 2,8% a.a. no 4T23. As despesas de capital aumentaram, especialmente com máquinas, equipamentos e estruturas. Ademais, a recuperação dos lucros das empresas e a diminuição das expectativas de uma recessão reduzem a possibilidade de cortes nos postos de trabalho. Na semana até o dia 20/01, houve aumento de 25 mil pedidos de seguro desemprego para 214 mil, contra os 200 mil esperados e os 189 mil observados na semana anterior. Ainda, o PMI composto subiu de 50,9 pontos em dez/23 para 52,3 pts. em janeiro, 2,0 p.p. acima da mediana das expectativas consolidadas pelo *The Wall Street Journal*. Alcançando o maior patamar dos últimos 7 meses, o indicador mostra a força da economia no início de 2024.

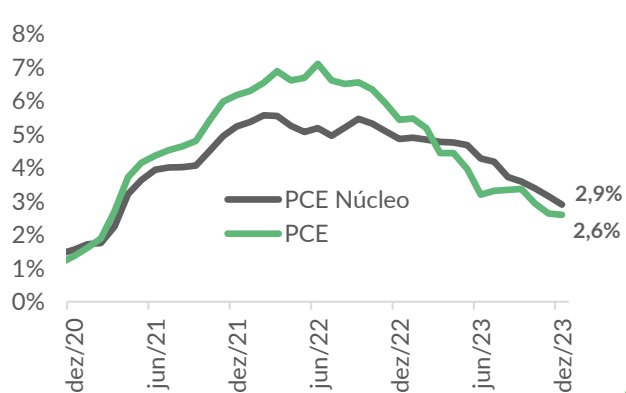
Indicador preferencial do Fed para a avaliação da política monetária, o PCE alcançou 2,6% a.a. em dezembro, o mesmo patamar observado em nov/23, abaixo dos 5,4% verificados em dez/22. A medida de núcleo, que exclui os itens mais voláteis como alimentos e energia, fechou 2023 com uma alta de 2,9% a.a. contra 3,2% a.a. em nov/23 (4,9% a.a. em dez/22). Apesar da medida aproximar-se da meta, a resiliência da atividade e as aberturas sinalizando algumas pressões nas atividades relacionadas a serviços, especialmente nos setores imobiliário e de recreação, colocam em xeque uma eventual antecipação do início da flexibilização monetária.

O Banco Central da China (PboC) anunciou estímulos adicionais à economia, com medidas que visaram impulsionar o mercado de ações local, incluindo cortes nas taxas de juros e intervenções dos bancos estatais na venda de dólares para estabilizar a moeda. Com a redução -0,50 p.p. na taxa de compulsório bancário, a partir de 05/02, haverá uma injeção de cerca de 1 trilhão de yuans (US$ 141 bilhões) na economia. A autoridade monetária, também, decidiu cortar suas taxas de reempréstimo e de redesconto em -0,25 p.p., medida que beneficiará o setor rural e as pequenas empresas.

EUA: PIB – Variação Anual



EUA: Inflação – Variação Anual
***Personal Consumption Expenditures* (PCE)**



Fonte: Bureau of Economic Analysis/ Federal Reserve Economic Data. Elaboração ABBC

Aversão ao Risco

Reagindo à continuidade do processo de arrefecimento da inflação e à maior probabilidade de um "pouso suave" na economia dos EUA, a semana apresentou volatilidade, com relativa melhora no apetite ao risco em alguns ativos dos mercados globais. Contudo, a força dos dados da atividade econômica alimentam a hipótese de que a política monetária a ser praticada pelo Fed deva ser mantida restritiva por um período maior do que o aguardado pelos agentes de mercado.

Em 26/01, a ferramenta *Fedwatch* da CME Group apontava uma chance de 46,2% de um corte de -0,25 p.p. na taxa dos *Fed Funds* na reunião de março (42,3% em 22/01 e 73,4% em 29/12). Para maio, a probabilidade de que a taxa fique entre 4,50%-4,75% era de 1,1%, entre 4,75%-5,00% de 36,0%, entre 5,00%-5,25% de 50,9%, e entre 5,25%-5,50% de 11,9%.

Neste contexto, na semana, houve quedas nos retornos das T-Notes, de -0,05 p.p. no de 2 anos para 4,34% a.a. e de -0,04 p.p. no de 5 anos para 4,04% a.a. na de 5 anos. O retorno dos títulos de 10 anos manteve-se estável em 4,15% a.a. e o de 30 anos subiu 0,02 p.p. para 4,38% a.a..

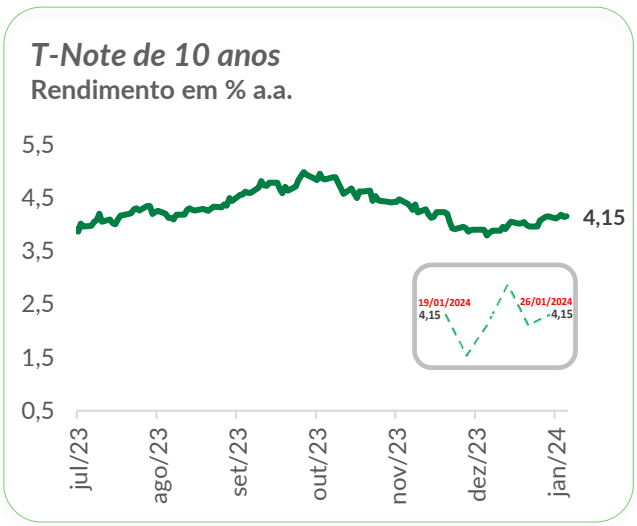
Sem as pressões do lado da política monetária, as principais bolsas internacionais reagiram às divulgações dos balanços corporativos e às medidas de estímulos na China. Na semana, foram observadas altas de 1,1% na S&P 500, de 0,9% na Nasdaq, de 0,6% no Dow Jones, de 2,5% no DAX 40, de 2,3% no FTSE 100 e de 2,8% no Xangai. A exceção ficou para a queda de -0,6% no Nikkei 225.

Em linha, o preço do minério de ferro negociado em Qingdao subiu 2,4% para US$ 130,77. Já a cotação da saca de soja na bolsa de Chicago caiu -0,3% para US$ 1.209,25. Manifestando os temores com a escalada das tensões no Oriente Médio e reforçado pelo ataques às infraestruturas energéticas na Rússia e pela queda nos estoques nos EUA, o preço do barril de petróleo tipo Brent aumentou 6,4% para US$ 83,55.

No cenário doméstico, o risco soberano brasileiro, medido pelo CDS de 5 anos, apresentou um relativo aumento de 5,9 bps. na semana para 138,2 bps.. Entretanto, o Ibovespa subiu 1,0%, retomando o patamar dos 128 mil pontos, alavancado pelas ações ligadas às *commodities* metálicas e energéticas e pelas empresas mais sensíveis à política monetária, em consonância às quedas nas taxas de juros futuras.

Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
	26/01/2024	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	128.967	1,0%	-3,4%	13,0%
Nasdaq	15.455	0,9%	2,5%	34,2%
S&P	4.891	1,1%	2,4%	20,5%
Dow Jones	38.109	0,6%	1,5%	12,3%
FTSE 100	7.635	2,3%	-0,8%	-1,6%
DAX 40	16.961	2,5%	1,5%	12,1%
Nikkei 225	35.751	-0,6%	7,3%	30,7%
Xangai	2.910	2,8%	0,4%	-10,9%



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

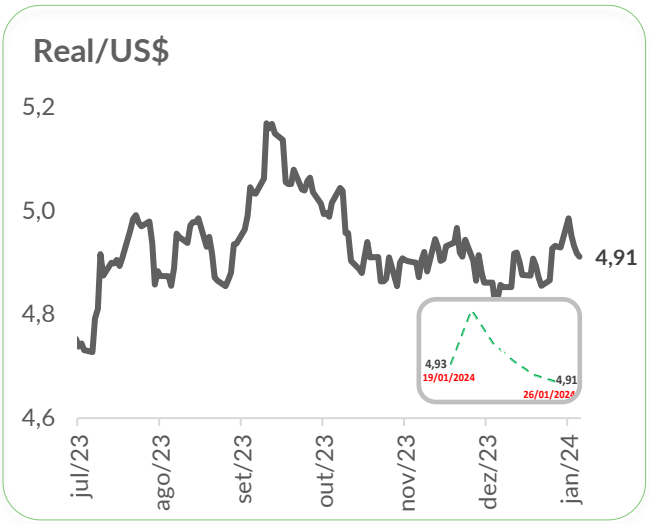
Câmbio

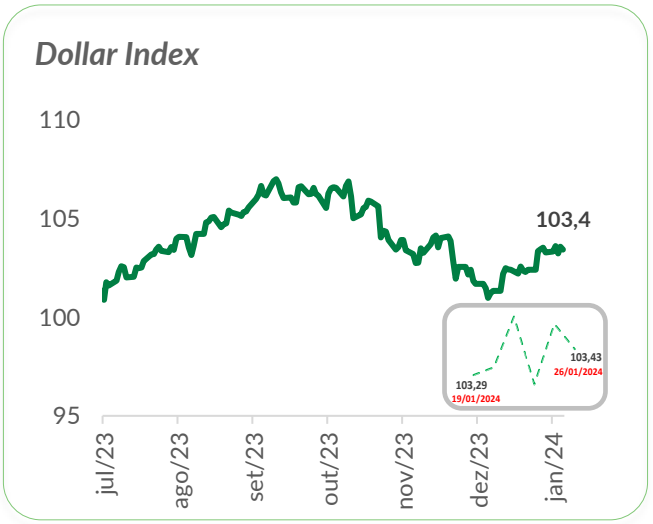
O dólar ganhou força na semana. O *Dollar index*, que mede o desempenho da divisa norte-americana frente às de países desenvolvidos, subiu 0,14% no período, contabilizando a estabilidade na cotação da libra esterlina e a depreciação de 0,41% no euro.

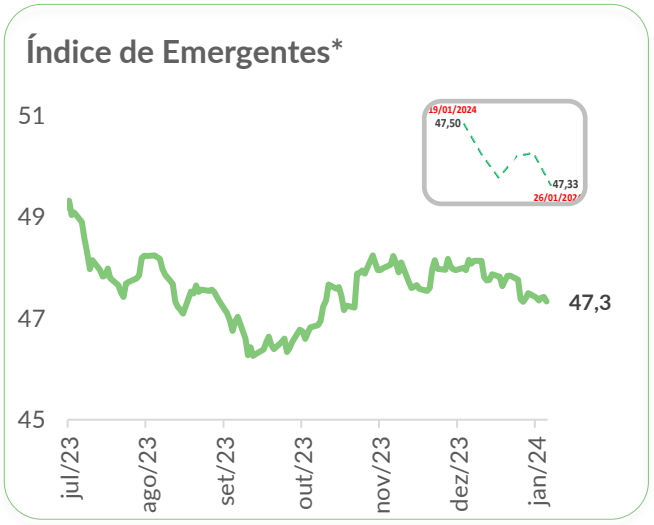
O índice que mede o desempenho de uma cesta de moedas de países emergentes em relação ao dólar recuou -0,35% no período, com destaques para as depreciações de 2,17% no rublo russo, de 0,46% no peso argentino, de 0,45% no peso mexicano e de 0,06% na rúpia indiana, além da apreciação de 1,27% no rand sul-africano.

Na contramão da média de seus pares emergentes e em um movimento de correção da forte depreciação no início da semana com os ruídos provocados pelo o anúncio do novo plano de industrialização, o real encerrou a semana apreciando-se em 0,37%, com o dólar cotado a R$ 4,91. Na semana, o Banco Central prosseguiu com a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 01/03/2023.

Por fim, no período entre 15 e 19 de janeiro, o fluxo cambial registrou a entrada líquida de US$ 1,27 bilhão, decorrente das entradas líquidas de US$ 345 milhões na conta comercial e de US$ 926 milhões na conta financeira.







Fonte: Bloomberg/BCB. Elaboração ABBC

***Cesta de Moedas de países emergentes:**
Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

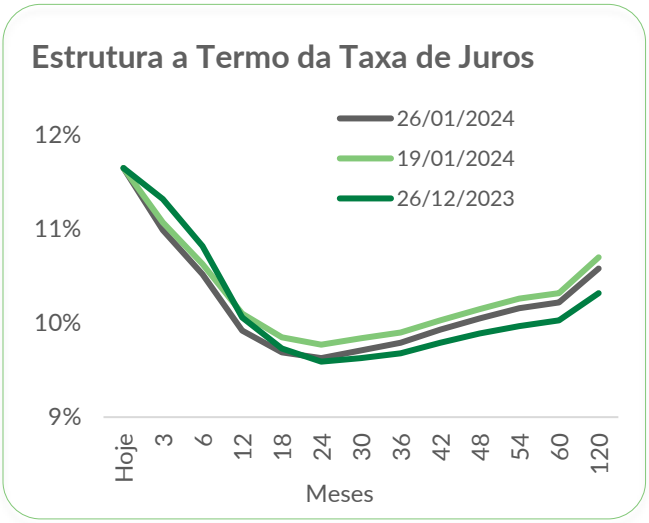
Taxa de Juros

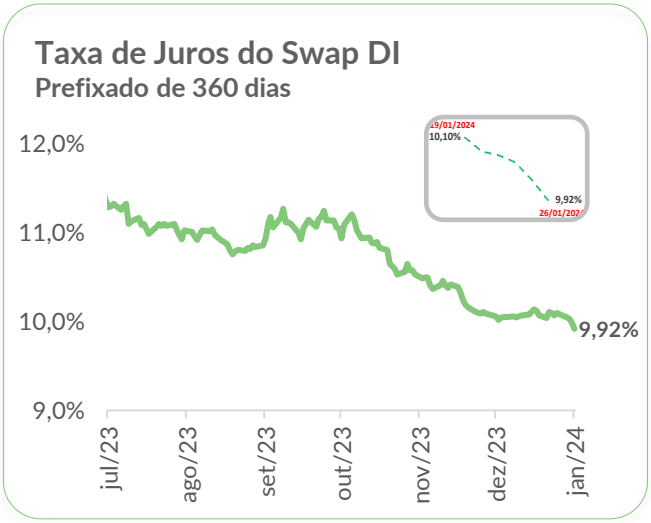
Mesmo com uma leve piora em alguns dados qualitativos, como o comportamento dos preços dos serviços subjacentes, e os ruídos na avaliação do novo plano de industrialização, a desaceleração do IPCA-15 de janeiro e o ligeiro alívio no exterior, favoreceram a redução dos prêmios embutidos na Estrutura a Termo da Taxa de Juros (ETTJ).

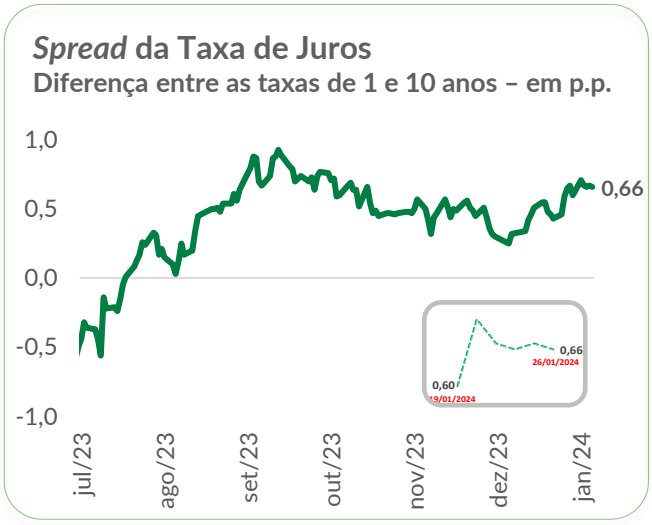
Em relação ao fechamento da semana anterior, a taxa de 6 meses caiu de 10,63% a.a. para 10,52%, a de 1 ano saiu de 10,10% a.a. para 9,92%, a de 2 de 9,77% a.a. para 9,63%, a de 3 de 9,90% a.a. para 9,79%, a de 4 de 10,15% a.a. para 10,05%, a de 5 de 10,32% a.a. para 10,22% e a de 10 anos saiu de 10,70% a.a. para 10,58%.

A taxa de juros do *swap* DI prefixado de 360 dias intensificou seu ritmo de queda, recuando -0,18 p.p. na semana para 9,92% a.a., acumulando uma redução de -3,54 p.p. nos últimos 12 meses. Se as expectativas inflacionárias para o Boletim Focus tiveram comportamento semelhante à queda na inflação implícita na negociação dos títulos públicos, a taxa real de juros *ex-ante* deve ter se sustentado em patamar bem contracionista.

Finalmente, a medida de risco calculada pelo *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, subiu 0,06 p.p. na semana para 0,66 p.p.. Em menor intensidade, o diferencial entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano, na negociação de títulos públicos na Anbima, aumentou 0,01 p.p. para 0,90 p.p..







Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

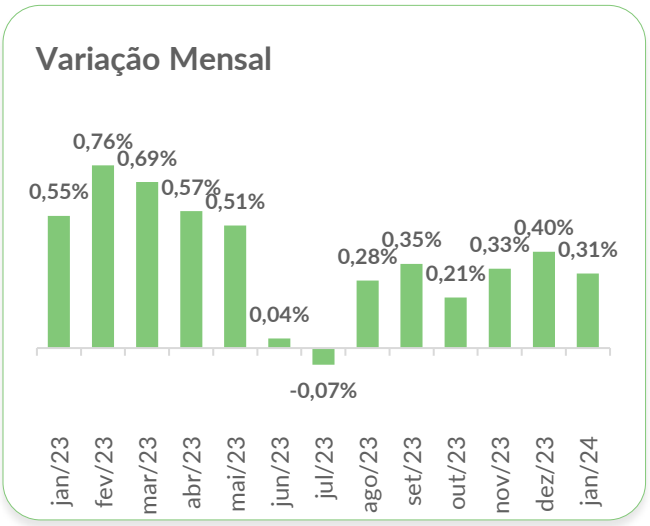
IPCA-15 – Jan/24

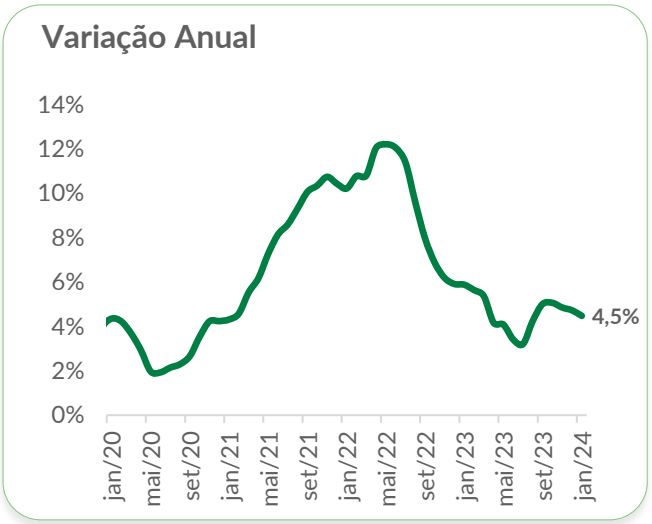
Em janeiro houve na margem uma desaceleração do IPCA-15, saindo de 0,40% em dez/23 para 0,31% (0,55% em jan/23). Abaixo do piso de 0,38% das estimativas de analistas do mercado financeiro consultados pelo Broadcast, o resultado contou com a forte alta de 1,53% no grupo de alimentação e bebidas que contribuiu com 0,32 p.p. na variação mensal do índice. Respondendo às reduções de -15,24% nas passagens áreas, de -11,56% nos transportes públicos e de -0,63% em combustíveis (-2,23% no etanol e -1,72% no óleo diesel), o grupo transporte apresentou uma redução de -1,13%, impactando com -0,24 p.p..

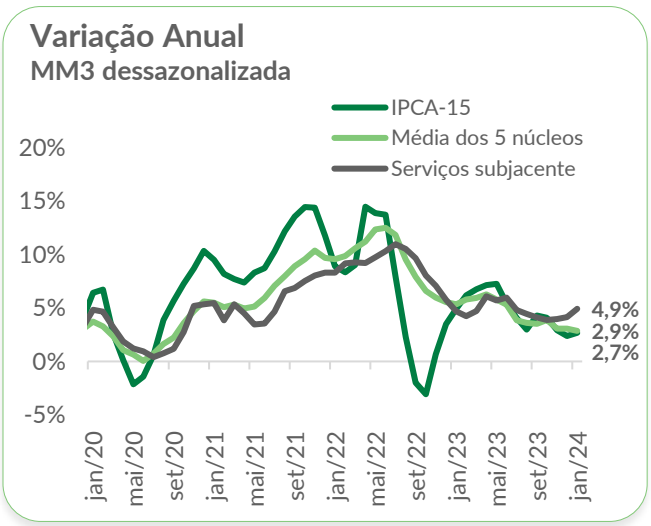
Após alcançar 5,87% a.a. em jan/23 e 4,72% a.a. em dez/23, o índice acumulou em janeiro uma alta de 4,47% a.a.. Nas aberturas, a inflação dos preços administrados saiu de 9,07% a.a. para 8,64% a.a.. Já dos livres de 3,28% a.a. para 3,09% a.a., com a da alimentação no domicílio passando de -0,83% a.a. para 0,58% a.a., de serviços de 6,36% a.a. para 5,62% a.a. e a de produtos industriais de 1,45% a.a. para 1,02% a.a..

Tentando capturar a tendência de curto prazo, a MM3 anualizada da série dessazonalizada saiu de 2,40% a.a. em dez/23 para 2,70% a.a., com aceleração em serviços subjacentes de 4,16% a.a. em dez/23 para 4,94% a.a.. Por sua vez, as medidas subjacentes de alimentação no domicílio passaram de -0,66% a.a. para -0,35% a.a. e a de bens industriais de -1,57% a.a. para -1,26% a.a.. Já a média dos 5 núcleos acompanhados pelo BC recuou de 3,09% a.a. em dez/23 para 2,88% a.a..

Por fim, o Índice de Difusão, que mede a proporção de bens e serviços que tiveram aumento de preços, subiu de 55,9% em dez/23 para 67,0% em janeiro, maior percentual desde fev/23. Apesar de que algumas medidas do IPCA-15 indicarem uma evolução menos favorável, não há uma motivação clara para uma eventual alteração na trajetória de flexibilização monetária sinalizada pelo BC.







Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

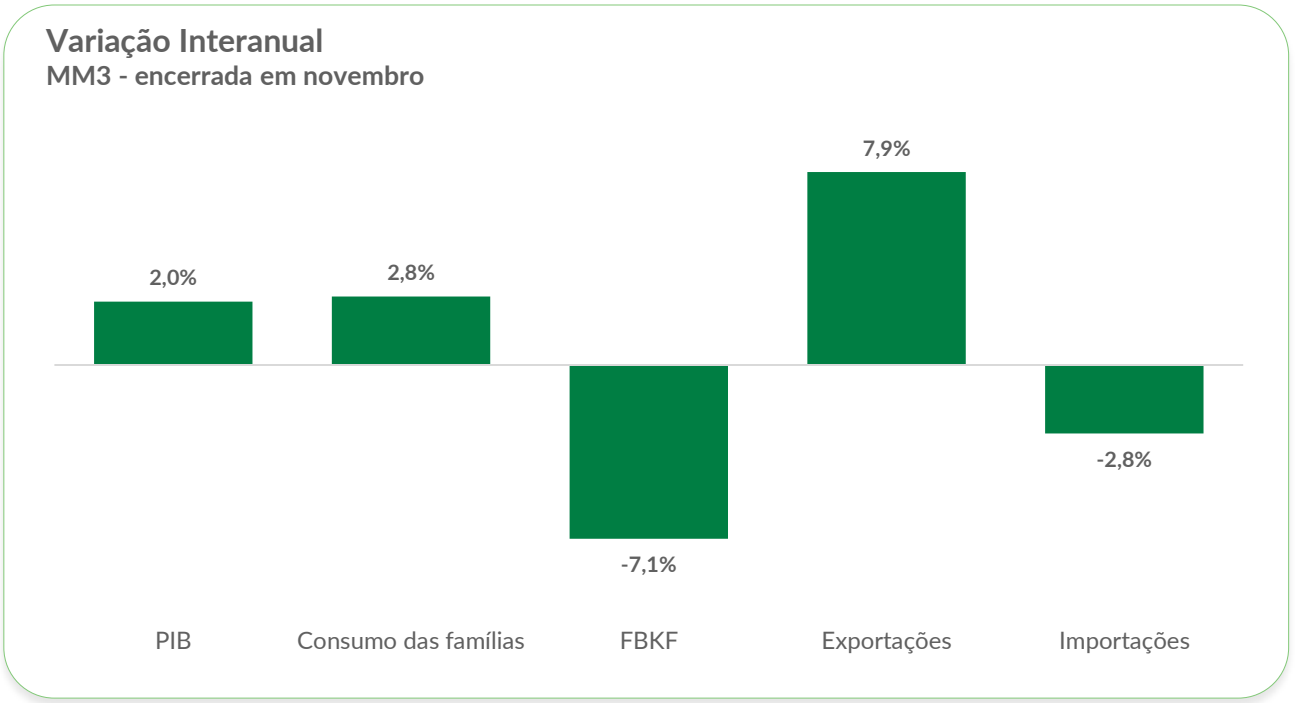
Monitor do PIB – Nov/23

Após uma alta de 0,1% em out/23, o monitor do PIB da FGV apontou para uma elevação mensal de 0,5% em novembro, na série com ajuste sazonal. Com isso, a média móvel trimestral (MM3) encerrada em novembro foi de uma alta anualizada de 2,0% a.a., mesmo patamar de out/23. Em 12 meses, o indicador acumulou um crescimento de 2,9% a.a., a mesma taxa observada em out/23. A FGV estima que o PIB deva fechar 2023 com uma alta em torno de 3,0%, graças à contribuição relevante da agropecuária, por causa dos preços de *commodities* e da safra recorde, com impactos nas atividades de transportes e intermediação financeira.

O desempenho do PIB reflete os bons resultados das 3 grandes atividades econômicas (agropecuária, indústria e serviços). Contudo, há um sinal de alerta em termos prospectivos. Observa-se uma expressiva redução na Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF).

Na MM3 móvel encerrada em novembro, a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) registrou uma queda de -7,1%. Neste grupo, além do fraco desempenho de máquinas e equipamentos, o segmento de construção também apresentou uma retração significativa. Mesmo com o comportamento razoável do consumo, é provável que o patamar ainda elevado da taxa de juros esteja reduzindo a disposição dos empresários para ampliar os seus investimentos. Contudo, espera-se que, em algum momento, a flexibilização consiga reverter essa tendência. A taxa de investimento em novembro era de 16,9% do PIB, um pouco acima da média histórica desde 2015 de 16,4%, porém abaixo da média de 17,9% desde jan/00.

Considerando-se a evolução anual da MM3, por componentes da demanda, o consumo das famílias cresceu 2,8% no mês, com altas em todos os tipos de demanda, embora o resultado tenha ficada abaixo da média acumulada até novembro de 3,3%. Na mesma base de comparação, as exportações cresceram 7,9%. Embora ainda elevado, o crescimento é o menor verificado desde abr/23. Ainda no mês, vale destacar o recuo de -8,2% nas exportações de bens intermediários. Já as importações se retraíram em -2,8%, sendo alavancadas pela retração das importações de bens intermediários.



Fonte: FGV. Elaboração ABBC

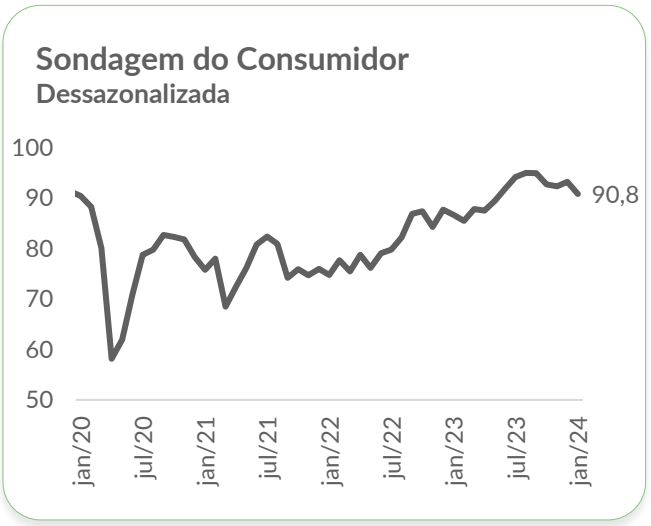
Sondagens FGV – Jan/24

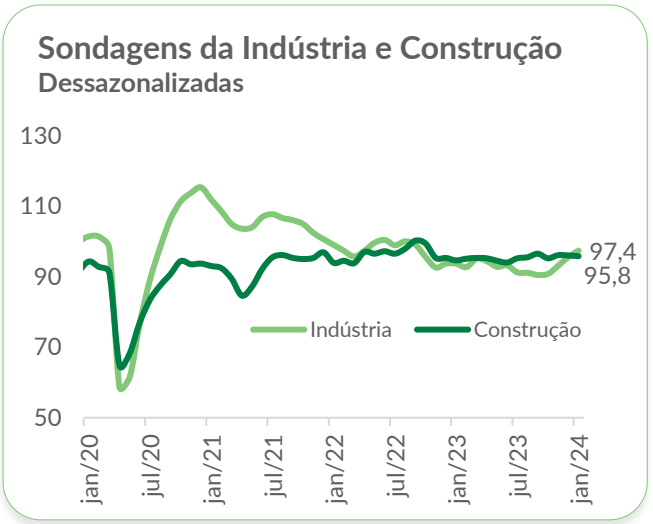
Os indicadores de sentimento da FGV para janeiro apresentaram comportamentos distintos. Após crescer 0,9 pontos entre nov/23 e dez/23, a confiança do consumidor, com ajuste sazonal, registrou uma queda de -2,4 pts na margem, encerrando janeiro em 90,8 pts., porém o situou-se 4,1 pts. acima do observado em jan/23.

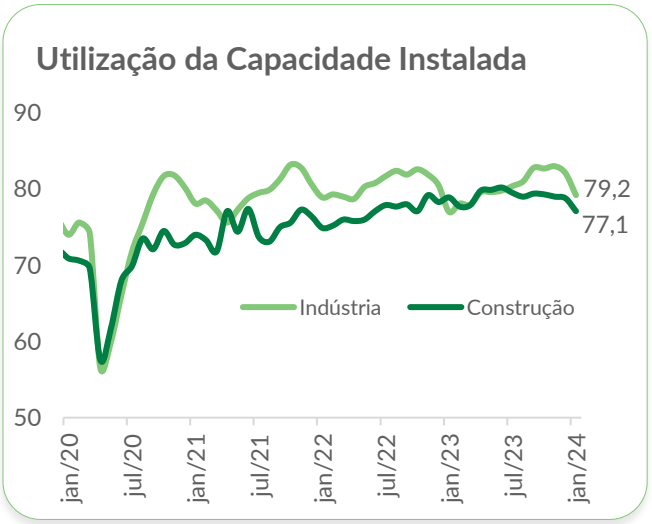
Também em retração, a sondagem da construção, com ajuste sazonal, recuou -0,2 pts. na margem, após queda de -0,1 pts. no mês anterior, fechando em 95,8 pts.. Porém, superando em 1,2 pts. ao observado em jan/23.

Por sua vez, a série dessazonalizada da sondagem da indústria registrou uma alta mensal pelo 4º mês consecutivo, saindo de 95,6 pts. em dez/23 para 97,4 pts., o que representou uma elevação de 3,7 pts. em relação a jan/23.

O Nível de Utilização da Capacidade Instalada (NUCI) caiu no mês, tanto para a indústria, quanto para o setor de construção, com quedas de -2,9 p.p. para 79,2% e de -1,7 p.p. para 77,1%, respectivamente. No mesmo período de 2023 o NUCI estava em 77,0% e 78,9%, na ordem.







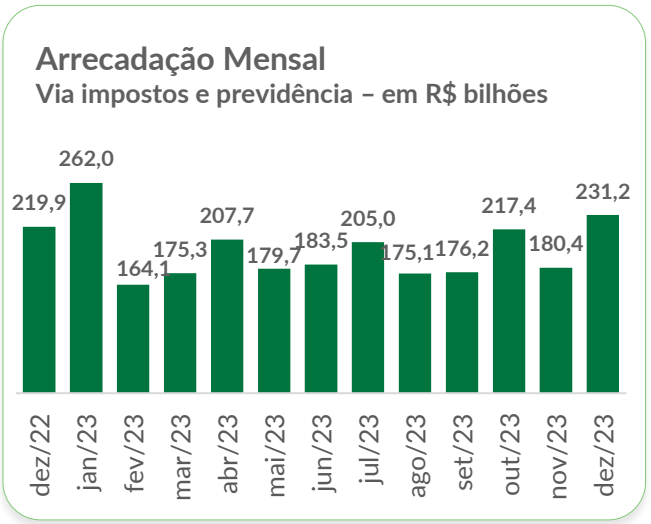
Fonte: FGV.. Elaboração ABBC

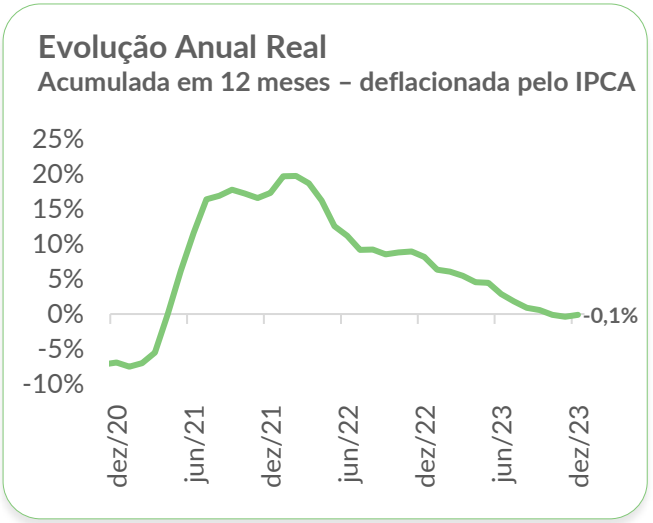
Arrecadação Federal – Dez/23

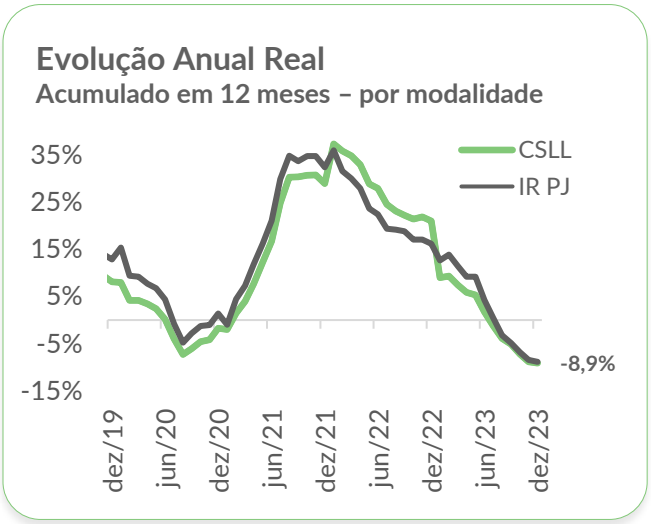
Em dezembro, a arrecadação federal, via impostos e previdência, foi de R$ 231,2 bilhões, o que significou em termos nominais uma elevação de 28,9% na margem e de 10,0% em relação a dez/22. As maiores altas mensais ficaram para os impostos de renda para pessoa jurídica (IR PJ) sobre rendimentos do capital (247,7%) e outras receitas administradas (40,8%).

Em 2023, a arrecadação federal alcançou R$ 2.318,1 bilhões a preços correntes, com uma ligeira retração de -0,1%, em termo reais, manteve-se praticamente estável em relação ao total acumulado em 2022. Como os principais vetores na composição das receitas, o governo apresentou: (1) o crescimento real de 21,6% na arrecadação do Imposto de Renda Pessoa Física - Capital, em razão da elevação da taxa Selic; (2) o crescimento real de 3,4% do IRPF-Trabalho e de 5,0% da contribuição previdenciária, decorrentes do aumento da massa salarial; (3) a redução das alíquotas sobre combustíveis; (4) uma arrecadação extraordinária decorrente do programa Litígio Zero e da exportação de óleo bruto; (5) as contribuições sociais sobre o lucro líquido (CSLL) com queda de -9,2%; e (6) IR PJ que apresentou retração de -8,9%.

A Receita Federal avaliou o resultado de 2023 como bastante positivo, apesar de várias atipicidades, como por exemplo os impactos da desoneração de impostos sobre a energia e combustível de 2022 e da reoneração ao longo do ano. Para 2024, uma melhora no desempenho é fundamental para o cumprimento da meta de déficit primário zero. Os efeitos só começarão a ser divulgados em fevereiro, com uma possibilidade concreta de revisão da meta em março.







Fonte: Receita Federal.. Elaboração ABBC

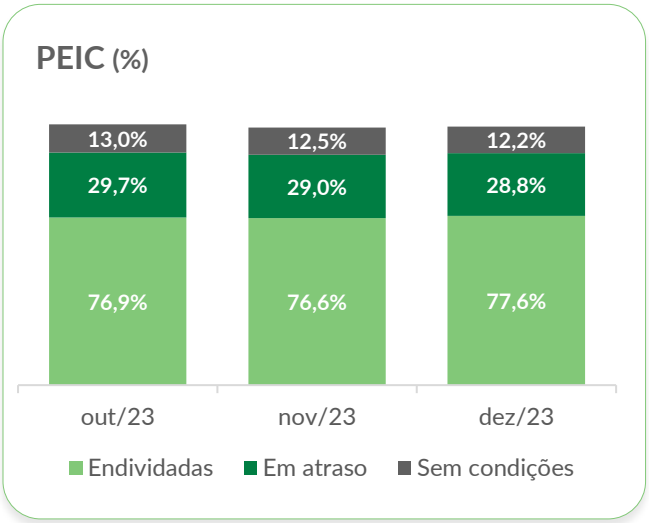
PEIC – Dez/23

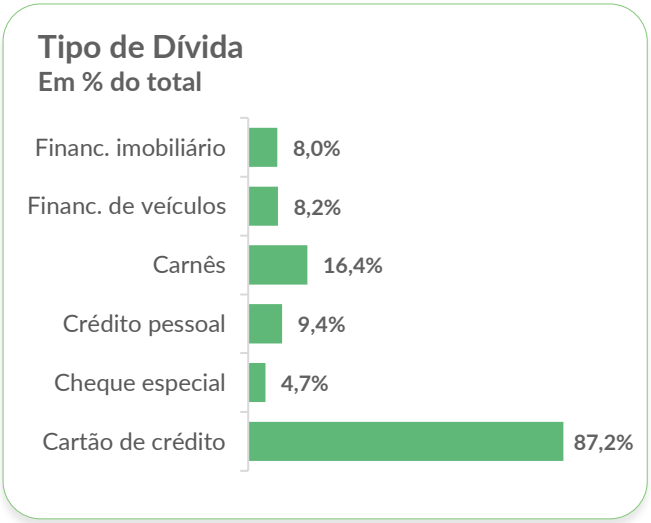
Segundo a Pesquisa de percepção de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) da CNC, o percentual de famílias que sentem-se endividadas alcançou 77,6% em dezembro, apresentando uma alta considerável de 1,0 p.p. na variação mensal. Contudo, em 2023, o indicador apresentou uma redução de -0,5 p.p. em relação ao ano de 2022.

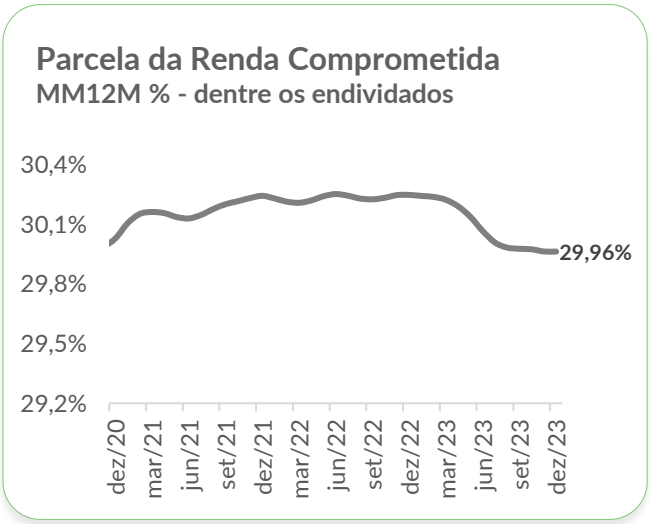
Já a parcela de famílias que se consideravam com dívidas em atrasos atingiu o menor nível no ano de 2023, saindo de 29,0% em nov/23 para 28,8% em dezembro (30,0% em dez/22). Adicionalmente, 12,2% dos respondentes afirmaram que não possuem condições de quitar as contas atrasadas, ante 12,5% em nov/23 (11,3% em dez/22).

No que se refere às modalidades de endividamento, o maior destaque continuou a ser o cartão de crédito, representando 87,2% das respostas (-0,4 p.p no mês e +1,0 p.p. no ano). Na sequência, carnês com 16,4% (-0,3 p.p no mês e -2,0 p.p. no ano) e crédito pessoal com 9,4% (+0,2 p.p no mês e +1,2 p.p. no ano).

Em linha com a melhora do mercado de trabalho e da renda, a média móvel de 12 meses da parcela de renda comprometida com a dívida, entre os endividados, se manteve estável no 2º semestre de 2023 em 30,0% (30,2% em dez/22).







Fonte: CNC.. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023E	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (%, a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	2,9	1,8
Crédito (%, a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	7,4	8,4
Desocupação (%, fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	7,6	8,0
IPCA (%, a/a, fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	4,6	3,9
IGP-M (% a/a, fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-3,6	4,0
Taxa Selic (%, fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75	9,00
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	74,0	75,0
Conta Corrente (US$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-36,0	-45,5
Investimento Direto no País (US$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	70,0	70,0
Taxa de Câmbio (R$/US$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	5,00	5,00
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-1,4	-0,8
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-7,6	-7,0
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	60,2	64,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	75,0	78,0

Assessoria Econômica

abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br

Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –
Cerqueira César São Paulo –SP

Tel: (55) 11 3288-1688